

ASTROJILDO PEREIRA, LEITOR DE MACHADO DE ASSIS

Sílvia Maria Azevedo¹

Resumo: Escritor, jornalista, crítico literário, fundador do Partido Comunista Brasileiro (1922), Astrojildo Pereira (1890-1965) entrou para a história da literatura brasileira como protagonista no célebre episódio da “última despedida” de Machado de Assis, imortalizado na crônica de Euclides da Cunha. Leitor rigoroso da obra machadiana, Astrojildo Pereira foi dos primeiros críticos a descartar a interpretação acerca da indiferença de Machado de Assis em relação aos assuntos políticos e históricos no Brasil da segunda metade do século XIX, exposto em seu ensaio mais famoso, “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado”. O objetivo do presente artigo é propor uma leitura do referido texto, tendo em vista os respectivos suportes de publicação, na *Revista do Brasil* (1939), e republicação, nos livros *Interpretações* (1944) e *Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos* (1959), em conexão com a conjuntura político-cultural no Brasil, nessas três décadas.

Palavras-chave: Astrojildo Pereira, Machado de Assis, literatura, história.

Abstract: Writer, journalist, literary critic, founder of the Brazilian Communist Party (1922), Astrojildo Pereira (1890-1965) entered the history of Brazilian literature as the protagonist in the famous episode of Machado de Assis' “última despedida”, immortalized in the chronicle of Euclides da Cunha. A rigorous reader of Machado's work, Astrojildo Pereira was one of the first critics to discard the interpretation regarding Machado de Assis' indifference towards political and historical issues in Brazil in the second half of the 19th century, exposed in his most famous essay, “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado”. The aim of this article is to propose a reading of the aforementioned text, taking into account the respective publication support, in *Revista do Brasil* (1939), and republication, in the books *Interpretações* (1944) and *Machado de Assis, separate notes and essays* (1959), in connection with the political-cultural conjuncture in Brazil, in these three decades.

Keywords: Astrojildo Pereira, Machado de Assis, literature, history.

Mais conhecido pela militância política nos quadros do Partido Comunista Brasileiro, Astrojildo Pereira desenvolveu, paralelamente, intensa atuação na crítica literária, deixando registrados inúmeros artigos em jornais e revistas nos quais foi ativo colaborador ao longo da vida. Machado de Assis comparece nesses textos como corpus recorrente, prestando-se a obra machadiana a uma abordagem sociológica, em chave marxista, na contramão da leitura cristalizada de Machado de Assis como escritor que se manteve alheio à realidade político-social de sua época.

Ensaio inaugural do posicionamento de Astrojildo Pereira contra o absentismo político do autor de *Dom Casmurro*, “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado” é trazido a público pela primeira vez, em 1939, ano que remete ao centenário do escritor carioca, interpretado pelo crítico como “o ano da glorificação oficial de Machado de Assis” (PEREIRA, 1991, p. 218).

Enquanto na década modernista a obra machadiana não desfrutou de grande popularidade entre os críticos brasileiros, simbolizada em 1929 pelo “pouco interesse despertado pela cerimônia de inauguração da estátua do escritor no *Petit Trianon*” (BROCA, 1983, p. 202), durante o Estado Novo (1937-1945), Machado de Assis foi entronizado como o grande escritor de uma galeria de

¹ Professora adjunta do Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Assis. E-mail: silrey@uol.com.br.

“vultos nacionais, grandes homens que construíram monumentos pátrios” (CESAR, 1999, p. 15; apud FERREIRA, 2011, p. 11).

A mudança de escritor deslocado do meio literário nacional para autor central da tradição literária brasileira encontrou seu ponto de virada em 1939, quando o então presidente da República, Getúlio Vargas, decretou a realização de celebrações para marcar o centenário do escritor brasileiro. Além do substancial aumento do número de estudos machadianos, realizaram-se inúmeras solenidades comemorativas, entre elas a Exposição Machado de Assis, organizada pelo Instituto Nacional do Livro (INL), na Biblioteca Nacional, e inaugurada por Getúlio Vargas; sessão solene da Academia Brasileira de Letras com discurso do ministro Gustavo Capanema; organização de uma Bibliografia Machadiana pelo INL e a produção pelo Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE) do filme *Um apólogo*, dirigido por Humberto Mauro, baseado no conto homônimo. As homenagens oficiais compreenderam também retratos de Machado de Assis, inaugurados em escolas do Rio de Janeiro, e o busto do romancista cunhado nas moedas de 500 réis (FERREIRA, 2011, p. 12).

“Promovia-se [...] pela primeira vez na história do país”, avalia Hélio de Seixas Guimarães, “uma grande concentração de esforços da intelectualidade e de órgãos do Estado em torno da consagração de uma figura literária, algo que não mais se repetiu com as proporções de 1939”, quando Machado de Assis foi alçado à condição de “patrimônio cultural brasileiro” (2017, p. 112-113).

A década de 1930, na vida político-partidária de Astrojildo Pereira, foi marcada pela expulsão, em 1931, do Partido Comunista Brasileiro, que ele havia ajudado a fundar (episódio sobre o qual o escritor se manteve calado durante toda sua vida), o que o obrigou a afastar-se da vida política e a dedicar-se ao comércio de frutas como sócio dos irmãos, até 1945. O militante expulso comenta esses anos de silêncio, no prefácio de *URSS, Itália, Brasil*², único livro que conseguiu publicar, em 1934, de forma clandestina, pagando do próprio bolso:

Há pouco mais de dois anos que me encontro afastado das fileiras do Partido Comunista, alheando-me desde então, voluntariamente, de qualquer atividade política. Mantive-me em completo silêncio durante todo esse tempo. Quase nada escrevi. Nada publiquei. Fiquei assuntando, assuntando. Devorei muitos livros, remastigando e ruminando mais de um. Empanturrei-me sobretudo de livros reacionários, triturando quase toda senão toda a literatura contrarrevolucionária nacional, fascista, semifascista e pró-fascista, editada entre nós de 1930 em diante. Depois de tudo, creio que devo agora quebrar o silêncio (PEREIRA, p. 12; apud FEIJÓ, 2001, p. 97).

Nesse período, Astrojildo passou a escrever artigos de crítica literária para o *Diário de Notícias*, entre outros jornais cariocas, atividade que lhe permitiu entrar em contato com a nata da cultura brasileira daquele tempo, alguns deles exilados, fugindo do nazismo, como Otto Maria Carpeaux e Paulo Rónai. Tornou-se também amigo de Otávio Tarquínio de Sousa e de Lúcia Miguel Pereira; esta, inclusive, ao escrever a biografia de Machado de Assis, em 1936, revelou ao país a identidade do jovem que havia visitado o escritor no leito de morte, episódio imortalizado na crônica de Euclides da Cunha, “Última visita”, publicada no *Jornal do Comércio*, em 30 de setembro de 1908.

Ao aproximar-se de Otávio Tarquínio de Sousa, Astrojildo Pereira teve abertas as portas da prestigiosa *Revista do Brasil* que, na 3ª. fase, esteve sob a direção de Tarquínio, e cuja linha editorial “distinguiu-se pela crítica do projeto cultural do Estado Novo, uma vez que defendeu, de forma intransigente, o individualismo, a democracia liberal e os Aliados, o que não significou, porém, recusa integral das ações e propostas governamentais, especialmente as capitaneadas pelo ministro Gustavo

² “Nesse livro aparece um Astrojildo Pereira crítico impiedoso do fascismo e seus assemelhados, um ardoroso defensor da URSS e, apesar de tudo, um seguidor da linha política do PCB no seu combate e denúncia contra o ‘bloco feudal-burguês’, explorador das massas operárias e camponesas”. (Del Roio, 2015, p. 7).

Capanema, para cuja pasta prestaram serviços vários dos nomes ligados à *Revista do Brasil*” (LUCA, 2016, p.73).

No contexto das comemorações do centenário de Machado de Assis, patrocinadas pelo Estado Novo, a *Revista do Brasil* vai se colocar na contramão do “panegírico” e do “elogio encomiástico”, conforme editorial assinado por Otávio Tarquínio, para se enquadrar na linha de “revisão de valores acerca dos grandes homens” (SOUSA, 1939, p. 2) que integram a história da literatura brasileira. No editorial do número em homenagem a Machado, Tarquínio “procura trazer a obra machadiana para o concerto de debates sobre a realidade brasileira e para o palco das reconstituições historiográficas em que se transformara a década que findava” (WERNECK, 1996, p. 104). O diretor da *Revista do Brasil* invoca ainda a função participante de Machado de Assis relativamente à realidade político-social de sua época, participação até então negada pelos críticos da obra machadiana. Por fim, Tarquínio ressalta a unidade da *Revista*, interpretação que contradizia a diversidade dos artigos publicados, no comentário de Maria Helena Werneck:

Mas esse *tour de force* do editor em busca da coerência nos artigos da publicação não é de todo infundado, já que os estudos da realidade brasileira, a historiografia sobre os tempos da Colônia e do Império, e as inúmeras biografias, participaram, junto com a corrente majoritária do romance social, de uma busca desenfreada de cobrir o país com documentos que lhe desenhasssem uma identidade reconhecível entre as múltiplas fisionomias, desentranhadas de pensamentos divergentes e visões políticas diferenciadas, que emergem após a Revolução de 30 (1996, p. 104).

Intelectuais de renome de variadas tendências ideológicas colaboraram na *Revista do Brasil* que, ao privilegiar a reunião, num mesmo número, de estudos sobre os mais diversos aspectos da obra machadiana, procurava ultrapassar filiações político-partidárias. Simpatizante do PCB, Manuel Bandeira abordou a poesia de Machado de Assis; ideólogo do Estado Novo, Almir de Andrade discorreu sobre Machado romancista; ativista católico, Tristão de Ataíde analisou a atuação de Machado como crítico literário; deputado afastado da vida política pelo Estado Novo, Barreto Filho escreveu sobre Machado de Assis jornalista; escritor perseguido pela ditadura implantada no Brasil em 1937, Graciliano Ramos criticou, em “Os amigos de Machado de Assis”, as comemorações oficiais no centenário do autor de Dom Casmurro.

Figuras não menos importantes no meio literário da época, de tendência conservadora, e de expressiva produção em torno da obra de Machado de Assis, também foram chamadas a colaborar no número de julho de 1939 da *Revista do Brasil*, como Lúcia Miguel Pereira que, em “Machado de Assis e nós”, apresentou a tese de que apenas na década de 30 a literatura machadiana encontrou sua atualidade, e Augusto Meyer, que em “Os galos vão cantar”, capítulo da Biografia póstuma de Brás Cubas, propôs uma reflexão sobre a necessidade de o autor morrer para dar lugar à obra.

Relações de amizade, apadrinhamento, interesse em prestigiar nomes ligados a órgãos oficiais brasileiros, destaque a intelectuais que, no passado, atuaram no diálogo entre Brasil e França, podem ter sido critérios, ao lado da abertura à diversidade político-partidária, a justificar a participação na *Revista do Brasil* de nomes da cena literária e cultural brasileira na década de 1930, de episódica atuação junto à obra machadiana. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o historiador carioca Noronha Santos discorreu sobre o Rio de Janeiro de 1862 nas primeiras produções literárias de Machado de Assis; diretor da seção brasileira da revista *Mercure de France*, Tristão da Cunha (nome literário de José Leitão da Cunha) investigou a atuação de Machado de Assis contista; referência na fortuna crítica de Augusto dos Anjos, o dramaturgo paraibano Orris Soares investigou o teatro de Machado de Assis; autor do famoso romance *O bota-abaixo* – crônica de 1904, em torno das reformas implementadas por Pereira Passos no Rio de Janeiro, José Vieira focalizou o Machado de Assis funcionário público; jovem e promissora poeta, futura integrante da revista *O momento feminino* (1947-1956), dirigida por mulheres do PCB, Lia Corrêa Dutra analisou as personagens femininas machadianas.

Mais do que qualquer dos críticos que colaboraram da Revista do Brasil, coube a Astrojildo Pereira, em “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado”, a defesa do escritor carioca da acusação de absenteísmo político, na proposta de uma análise da obra machadiana vinculada à sociedade brasileira:

Existe uma consonância íntima e profunda entre o labor literário de Machado de Assis e o sentido da evolução política e social do Brasil. A sua atividade de escritor começou pouco antes de 1860 e só terminou às vésperas de sua morte, em 1908. Mas o tempo durante o qual se formou e se desenvolveu a sua personalidade coincide quase todo ele com o período histórico do Segundo Reinado. Ao proclamar-se a república, já o escritor havia atingido a plenitude da sua maturidade. Essa coincidência de tempo possui naturalmente muita importância para a caracterização e compreensão da obra de Machado de Assis (PEREIRA, 1939, p. 4).

Embora a tese da obra machadiana como espelho da “evolução social do Brasil”, nas suas “etapas decisivas” (extinção do tráfico de escravos, abolicionismo, questão religiosa, proclamação da República), constitua a espinha dorsal do mencionado ensaio, Astrojildo Pereira inicia o texto com destaque à exemplaridade da vida de Machado de Assis, cuja ascensão se fez por meio do trabalho – “Ínfimo proletário de origem, moleque de morro, operário de profissão, fez-se pelas próprias mãos o maior escritor brasileiro” (1939, p. 3) -, aspecto a aproximar Machado do operariado, que, organizado em sindicatos e periódicos, estava em franca ascensão, na década de 1930 no Brasil.

A vida exemplar de Machado de Assis, a servir de modelo para os trabalhadores, se presta ainda à defesa do escritor como patrimônio do povo, a integrar uma galeria de mestiços ilustres, conforme editorial assinado por Astrojildo Pereira na *Revista Proletária*, comemorativo do centenário do escritor:

A *Revista Proletária* presta aqui, o seu tributo à memória de Machado de Assis e concita o povo brasileiro a reivindicar como um patrimônio seu, inalienável, a obra, sob tantos aspectos digna de ser refletida e meditada, do mestiço glorioso que foi em si mesmo um desmentido vivo e eloquente às calúnias sobre a nossa “inferioridade racial” postas em voga – e não por acaso... pelos Oliveira Viana e outros apologistas do “arianismo” antinacional e dissolvente. Ele completa a galeria ilustre dos Luís Gama, dos Lima Barreto, dos Patrocínio, dos André Rebouças e tantos mulatos e negros que honram a literatura, a arte e o jornalismo no Brasil. Machado é nosso, é do povo. (PEREIRA, 1991, p. 226).

Aqui, como em outros textos sobre o autor de *Esau e Jacó*, Astrojildo Pereira “projeta sobre Machado suas convicções de militante marxista e fundador do PCB, atribuindo-lhe um poder de irradiação popular e um papel extraordinário no esclarecimento do povo brasileiro”. (GUIMARÃES, 2017, p. 97-98)

Refutando posições cristalizadas em relação a Machado de Assis, como escritor estrangeirado, que se manteve alheio às questões sociais brasileiras, Astrojildo parte para a defesa de Machado como “escritor nacional”, em sintonia com o enfoque nacionalista da década de 1930, sem deixar de incorporar, em chave dialética, a faceta universal da obra machadiana:

Já se tem dito e repetido – e com razão evidente – que Machado de Assis é o mais universal dos nossos escritores; estou que falta acentuar com igual insistência que ele é também o mais nacional, o mais brasileiro de todos. Eu acrescentaria, sem querer fazer jogo de palavras, que uma qualidade resulta precisamente da outra: ele é tanto mais nacional quanto mais universal e tanto mais universal quanto mais nacional (PEREIRA, 1939, p. 4).

Com o objetivo de estabelecer “paralelismo” entre a “evolução social do Brasil” e a obra machadiana, Astrojildo Pereira percorre a vasta produção de contos e romances de Machado de Assis,

de onde extrai inúmeras citações de obras, trazidas a público num período que se estende desde 1864, quando o escritor carioca passou a colaborar como contista no *Jornal das Famílias* (1863-1878), até 1908, ano de publicação de seu último romance, *Memorial de Aires*. Nesse longo inventário de “paralelismos, dentre outros exemplos, a justificativa de Brás Cubas em relação ao procedimento cruel do cunhado Cotrim para com os escravos - “não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito das relações sociais” -, se presta à leitura de Astrojildo em chave de correspondências entre texto e contexto: “Este argumento, que me parece perfeitamente justo, é de uma importância capital na determinação do paralelismo e da consonância que procuramos estabelecer entre a obra de Machado de Assis e a evolução das condições sociais do seu tempo.” (1939, p. 13)

Nem por evidenciar, de maneira sistemática, os laços entre a obra machadiana e a realidade social brasileira, Astrojildo Pereira deixou de reconhecer que Machado de Assis, homem avesso a filiações partidárias, manifestou o seu posicionamento em relação ao abolicionismo, mas que o fez “a seu modo, indiretamente” (PEREIRA, 1939, p. 11), enquanto que a proclamação da República ficou registrada, entre outros textos, num capítulo de *Esau e Jacó*, “registro cheio de desencantada indiferença, tão cara ao conselheiro Aires” (PEREIRA, 1939, p. 20). É possível pensar que, no lugar da indiferença da personagem, reflexo da indiferença do autor, o crítico esperasse de Machado entusiasmo semelhante ao que ele, Astrojildo, e os integrantes do Partido Comunista Brasileiro acolheram a queda da Monarquia e a instalação da República no Brasil. O autor de *Esau e Jacó*, no entanto, vai reduzir a proclamação da República a mera troca de tabuletas, batizada pela crítica como o episódio da “tabuleta do Custódio”, passagem excluída da análise de Astrojildo do romance. Por isso, o ex-militante não consegue reprimir a crítica um tanto ácida quanto ao distanciamento de Machado em relação à campanha republicana e à proclamação da República: “fosse por insuficiência de visão ou antes de temperamento, ou fosse mesmo por conveniência ou comodismo, o caso é que ele nunca tomou partido, pelo menos no que deixou escrito, entre a monarquia e a república”. (PEREIRA, 1939, p. 21)

O tema do patriarcalismo, característico da formação social e familiar brasileira, de forte presença na obra machadiana, também mereceu a atenção de Astrojildo, que percorreu contos e romances de Machado na busca do componente patriarcal, identificando o posicionamento moral do autor, na condenação do casamento por interesse, conforme leitura do conto “Frei Simão”:

Aí temos uma história bem sentimental, de inspiração cem por cento romântica, talhada ao sabor do tempo. O seu conteúdo moral, no entanto, equivale ao mais terrível libelo formulado contra o patriarcalismo que regulava a constituição da família e legitimava a intervenção discricionária dos pais no casamento ou nos projetos de casamento dos filhos (PEREIRA, 1939, p. 8).

Em “Qual dos dois?”, conto também publicado no *Jornal das Famílias*, em 1872, a partir da fala de uma das personagens que se diz partidária do casamento por amor, Astrojildo conclui: “Evidencia-se aí não apenas a opinião de um personagem, porém o próprio ponto de vista moral do autor. E era deste ponto de vista que ele condenava, com veemência então, as uniões conjugais de interesse [...]” (PEREIRA, 1939, p. 7)

A aproximação entre o posicionamento das personagens e as ideias do autor vem ao encontro da tese de que, em literatura, “o escritor é um desdobramento do homem” (PEREIRA, 1939, p.3), o que leva Astrojildo a interpretar vida e obra de Machado de Assis como “conjunção de contrastes” (PEREIRA, 1939, p.): no plano da criação literária, a mistura do cálculo e da espontaneidade; no plano pessoal, a convivência do homem tímido com o intelectual metido em sociedades e cenáculos literários, do indivíduo de tipo sensual com o modelo de bons costumes, na vida privada. A leitura que aproxima, sob a ótica da “conjunção de contrastes”, o homem do escritor Machado de Assis, se presta a aparar quaisquer descompassos entre a vida pessoal de Machado, em particular sua forma de atuação política, e a obra machadiana, reflexo histórico-social do Segundo Reinado.

Se, no contexto do centenário de nascimento do autor de *Dom Casmurro* em 1939, a análise da obra machadiana, empreendida por Astrojildo Pereira, representa o momento de revalorização de Machado de Assis, ao longo dos anos 1940, “no âmbito do Departamento de Propaganda e Imprensa (DIP), o tom passa a ser outro”, quando Getúlio Vargas, Cassiano Ricardo e os principais periódicos estadonovistas voltam a questionar o “suposto absenteísmo e a falta de ‘cor local’ do fundador da Academia Brasileira de Letras” (SALLA, 2012, p. 83).

Patrocinador das comemorações oficiais machadianas, em 1939, quatro anos mais tarde, Getúlio Vargas, no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, critica a instituição por abrigar intelectuais que se mantêm distantes das coisas nacionais, a exemplo do seu fundador, Machado de Assis, a quem o presidente contrapõe Euclides da Cunha, exemplo de escritor envolvido com questões relativas à vida nacional. Ainda na linha da oposição entre Euclides e Machado, Cassiano Ricardo, em *Marcha para o Oeste* (1940), alerta para o perigo de os escritores nacionais contraírem certa doença chamada “infecção cultural” (Apud SALLA, 2012, p.), no sentido de se distanciarem das raízes brasileiras, representada pela obra machadiana, marcada por “abstrações” e modelos importados. O pensamento de Cassiano Ricardo encontra-se disseminado em publicações estadonovistas, como o jornal *A Manhã*, que questionavam a falta de compromisso de Machado de Assis em relação aos problemas de seu tempo, a exemplo dos artigos de José Lins do Rego e Jorge de Lima.

Assim, na passagem de 1939 para a década de 1940, o tom da recepção de Machado de Assis, junto à crítica brasileira, vai estar sujeita à conjuntura política, social e cultural implantada pelo Estado Novo:

[...] percebe-se que a conversão do escritor carioca em vulto nacional, empreendida inicialmente pelo Estado Novo, apresentava caráter circunstancial (por ocasião das comemorações oficiais dos cem anos de nascimento do romancista em 1939), bem como se restringia, sobretudo, à faceta de Machado como “grande operário das letras”: um homem de origem popular que chegara à consagração literária por meio da tenacidade, esforço e dedicação ao trabalho. Em outras palavras, privilegia-se não a obra, mas parte da trajetória do homem, mediante a operosidade de um recorte biográfico pautado pela ótica trabalhista norteadora da ditadura varguista. Contudo, no decorrer dos anos 1940, sob os auspícios do DIP e num contexto de valorização de certo caráter documental da obra de arte, em que o regime tomava a literatura enquanto veículo de registro e testemunho da história pátria, rótulos depreciativos, tais como absenteísmo, evasão e desconexão da vida nacional, voltam a ser impingidos a Machado por intelectuais e periódicos visceralmente atrelados a diferentes esferas do governo ditatorial de Getúlio Vargas (Salla, 2012, s/p).

Nesse contexto de rebaixamento de Machado de Assis, e com intenção diametralmente oposta, Astrojildo Pereira republica em 1944 o ensaio “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado”, na coletânea *Interpretações*, obra que vinha quebrar jejum de vários anos do autor sem publicação em livro. A obra chega ao público por intermédio da CEB, conforme era conhecida a editora ligada à Casa do Estudante do Brasil, primeira entidade estudantil de âmbito nacional, que em 1944 completava quinze anos de fundação, comemorada no dia 13 de agosto. Coincidência ou não, o fato de o livro de Astrojildo sair naquele mesmo ano conferia maior destaque ao lançamento das edições CEB, cujas publicações se alinhavam aos objetivos da entidade de promover a difusão e o intercâmbio de obras e atividades culturais. Por sua vez, Astrojildo pode ter escolhido a CEB por se tratar de uma editora com vínculo direto com o meio estudantil, junto ao qual sua obra poderia ser mais facilmente divulgada, cumprindo ainda papel formador da mentalidade dos jovens estudantes. Além de Astrojildo, outros intelectuais importantes do período também publicaram pela CEB, como Otto Maria Carpeaux e Sérgio Buarque de Holanda, aquele *As cinzas das horas*, em 1942, este, o livro *Monções*, em 1944. Ao lado de nomes de prestígio, a CEB abriu as portas para autores desconhecidos, como a marquesa Elisa Larenas Canela, cuja obra *Mais um crime do fascismo*, veio a público em 1944.

Se ao publicar *Interpretações* pela CEB a intenção de Astrojildo Pereira era ganhar adeptos e/ou simpatizantes ao comunismo, a editora parecia não ter intenção de ver o seu nome associado ao do PCB, tanto que na “orelha” da capa, em texto não assinado, o livro é apresentado, sem qualquer alusão à trajetória de Astrojildo junto ao partido:

[...] Astrojildo Pereira viveu 54 anos de uma vida bem vivida, bem agitada e bem experimentada [...]. Quando moço, Astrojildo Pereira não se deixou seduzir pela ânsia de publicidade nem pelo sucesso fácil, entregando-se de preferência a atividades por assim dizer impessoais. Hoje nos oferece as reflexões de um espírito amadurecido, porém sempre moço na sua capacidade de compreensão humana e amplitude de visão dos problemas sociais do futuro [...].

Dedicado a Otávio Tarquínio de Sousa, *Interpretações* reúne artigos sobre política e crítica literária, escritos entre 1929 e 1944, que respondem, como Astrojildo vai dizer no prefácio da obra, por uma declarada “presunção de unidade”, “unidade do ponto de vista para não dizer pretensiosamente unidade de linha doutrinária e filosófica” (PEREIRA, 1944). Dividido em três partes, “Romances brasileiros”, “História política e social” e “Guerra e após-guerra”, o livro recebeu resenha elogiosa de Francisco de Assis Barbosa, publicada no *Correio da Manhã*, na qual o crítico observa que o lançamento de *Interpretações* acontecia quando Astrojildo Pereira, “por certo um dos maiores ensaístas que possuímos”, estava com mais de 50 anos. Barbosa acrescenta ainda que, se quisesse, Astrojildo “poderia ter sido o maior crítico literário do Brasil” (*Correio da Manhã*, n. 15400, 14 jan. 1945, p. 40), referência indireta ao período de militância do autor junto ao PCB, que lhe consumiu muito tempo e energia, e do qual ele ainda se encontrava afastado. Dentre os onze trabalhos que enfeixam a obra, Barbosa destaca o ensaio “Posição e tarefas da inteligência”, que integra a terceira parte do livro, e de onde transcreve três definições de democracia – democracia política, democracia econômica e democracia cultural -, bastante atuais, segundo ele, tendo em vista o cenário político-ideológico da década de 1940 no Brasil, marcado por perseguições, censura e prisão de intelectuais, promovidas pelo DIP, poderoso órgão do Estado Novo. No contundente artigo “Onde está a ‘gestapo’?”, Francisco de Assis Barbosa denuncia a apreensão pelo órgão censor do romance *Fronteira do agreste*, de Ivan Pedro de Martins, secretário político da Aliança Nacional Libertadora (ANL), o que motivou moção aprovada por unanimidade na assembleia geral da Associação Brasileira de Escritores contra o ato arbitrário do poderoso braço estadonovista. Assinaram o documento, escritores de tendências as mais variadas, entre outros, Astrojildo Pereira, Otávio Tarquínio de Sousa, Carlos Drummond de Andrade, Dalcídio Jurandir, Aurélio Buarque de Holanda, Lúcia Miguel Pereira, Rubem Braga, Vinícius de Moraes. (*Correio da Manhã*, n. 15223, 18 junho 1944, p. 33)

Em *Interpretações*, o ensaio “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado” integra a primeira seção, da qual também fazem parte “Romancistas da cidade: Manuel Antônio, Macedo e Lima Barreto”, “Confissões de Lima Barreto”, “Máscara do Dr. Bogollof”, “Espelho da família burguesa” e “A propósito de ‘*Vidas secas*’”. O artigo “Romancistas da cidade” foi publicado, anteriormente, na *Revista do Brasil*³, em número de maio de 1941 dedicado ao romance brasileiro, abrangendo um período que vai de 1752, data da publicação das *Máximas de virtude e formosura*, de Teresa Margarida da Silva e Orta, até 1930, quando veio a lume o último dos romances de Xavier Marques, *As voltas da estrada*. Nessa proposta de revisão da obra dos principais romancistas brasileiros, ficaram de fora autores vivos, e dentre os mortos, segundo Otávio Tarquínio de Sousa, que assina a apresentação da *Revista*, “só mereceram análise e comentário aqueles que trouxeram uma contribuição marcante ou, posto que medíocre, foram típicos de uma época, uma corrente ou uma escola” (1952, p. 10). Ao longo da trajetória do romance brasileiro, delineada nos artigos

³ Em 1952, foi lançada pela editora O Cruzeiro, do Rio de Janeiro, a reedição do número especial de maio de 1941 da *Revista do Brasil* dedicado ao romance brasileiro, aumentada de mais dois estudos.

publicados no periódico, Tarquínio identifica duas tendências: o ruralismo, “o predomínio do ambiente, do quadro sobre os valores humanos”, e o urbanismo, “o romance-crônica em que as figuras humanas se antepõem ao meio natural” (1952, p. 10). Pairando sobre correntes e escolas, Machado de Assis, “a despeito de refletir em vários de seus livros tendências literárias em voga, não se vinculou a nenhuma, porque foi realmente superior a todas pela originalidade dos seus dons de criação” (SOUSA, 1952, p. 10).

Convidado a escrever sobre Machado de Assis, Barreto Filho trazia em sua bagagem credenciais que o habilitavam a abordar a obra machadiana, posto que, paralelamente às funções de professor de psicologia educacional da Pontifícia Universidade do Brasil do Rio de Janeiro, exerceu a crítica literária no *Diário de Notícias*, entre 1939 e 1941. Em sintonia com a vertente filosófica, de extração cristã, que irá marcar a recepção de Machado de Assis na década de 1940 (CANDIDO, 2011, p. 21), a análise de Barreto Filho, mais tarde ampliada e publicada em 1947, no livro *Introdução a Machado de Assis*, se afasta do psicologismo e biografismo, enfatizando a angústia existencial do homem e do escritor, sentimento que teria repercutido de maneira decisiva sobre a obra do autor de *Dom Casmurro*.

Além da *Revista do Brasil*, editores e biógrafos estarão empenhados, ao longo da década de 1940, em reconhecer a importância da obra de Manuel Antônio de Almeida e Joaquim Manuel de Macedo: em 1941, em comemoração ao octagésimo aniversário de morte de Manuel Antônio, a editora Martins inaugurou a Biblioteca de Literatura Brasileira com a publicação de *Memórias de um sargento de milícias*, com prefácio de Mário de Andrade e ilustrações de Aquarone; em 1943, Marques Rebelo publica *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*, pelo Instituto Nacional do Livro (INL); 1944 marcou o centenário do primeiro romance brasileiro, *A moreninha*, que passou a integrar a Biblioteca Popular do Brasil, criada pelo INL, a obra sendo levada, no mesmo ano, ao Teatro Fênix, pela Companhia de Comédias Bibi Ferreira, numa adaptação de Miroel Silveira.

Nesse contexto de celebrações e reedições de livros dos fundadores do romance brasileiro, Astrojildo Pereira não vai ficar de fora, seu nome constando do prefácio da republicação da obra *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, de Macedo, que saiu em 1942 pela livraria-editora Zélio Valverde. Dois anos mais tarde, esse prefácio, com pequenas modificações, será trazido para a coletânea *Interpretações*, a integrar a primeira parte do artigo “Romancistas da cidade”, dedicada a Joaquim Manuel de Macedo.

“Numa época que se caracteriza, no negócio de livros, pela moda das reedições”, como vai dizer Osório Borba, nenhum livro de Lima Barreto tinha sido republicado nos vinte anos de sua morte, transcorridos em 1942, muito menos concretizado o anúncio, de três anos atrás, das obras completas do “romancista da cidade”, o que faz pensar, continua Osório, “nas campanhas repressivas que se têm feito contra mortos ilustres, nas perseguições a fantasmas gloriosos” (*Diário de Notícias*, n. 6041, 5 julho 1942, p. 17). Nesse sentido, cabe destacar que Lima Barreto não foi contemplado no número dedicado ao romance brasileiro, organizado pela *Revista do Brasil* em 1941, ano do 60º. aniversário de nascimento do autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, igualmente posto de lado na reedição em livro, em 1952, do número 35 da *Revista*.

Cabe supor que a inclusão de Lima Barreto na seção “Romancistas da cidade” do livro *Interpretação*, era uma forma de Astrojildo Pereira não apenas homenagear o escritor carioca, que ele conhecia pessoalmente, “desde o tempo em que militava no movimento anarquista, tendo até colaborado nas mesmas publicações” (FEIJÓ, 2001, p. 128), como também prestar tributo à obra de um autor na qual a cidade do Rio de Janeiro se faz “presente em cada página” (1952, p. 62) de seus romances, contos e crônicas.⁴

Quanto ao ensaio “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado”, ao mesmo tempo que dialoga com o artigo “Romancistas da cidade”, na medida em que o “discurso da cidade” (FEIJÓ,

⁴ Quando em 1956, a editora Brasiliense empreende a publicação das obras completas de Lima Barreto, coube a Astrojildo Pereira assinar o prefácio do volume de crônicas *Bagatelas*.

2001, p. 117), enquanto representação física e espiritual do Rio de Janeiro, ocupa posição central na obra machadiana, igualmente desbanca a tese da evasão e desconexão do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* com a vida nacional, na leitura dos intelectuais e periódicos da década de 1940, ligados ao governo de Getúlio Vargas. Por sua vez, se por um lado toda a obra machadiana, observa Astrojildo no artigo em pauta, “está cheia como nenhuma outra do Rio de Janeiro”, por outro lado, ela “está ainda mais cheia de muitas outras coisas”. “E são estas muitas outras coisas”, na opinião do crítico, “que conferem a Machado de Assis uma posição de romancista singular em nossas letras, de certo modo rebelde aos sistemas e classificações” (1952, p. 37).

Essa era também, pode-se lembrar, a avaliação de Tarquínio de Sousa em relação a Machado de Assis, na apresentação do número 35, de maio de 1941, da *Revista do Brasil*, que se propôs traçar as linhas temáticas e estéticas do romance brasileiro, desde 1753 até 1930. Tendo em vista os critérios adotados pela *Revista*, tanto no que se refere à exclusão de autores vivos, quanto à seleção dos mortos, é possível que ao organizar a primeira parte do livro *Interpretações*, Astrojildo Pereira tenha buscado propor uma trajetória alternativa em relação ao romance brasileiro, de acordo com suas posições políticas e estéticas de extração marxista. No interior desse cânone seletivo e enxuto de romancistas brasileiros, Machado de Assis figurava como “escritor de exceção” (GUIMARÃES, 2017, p. 21), enquanto Macedo, Manuel Antônio e Lima Barreto seriam expressão do chamado romance urbano. A obra de Lima Barreto, em particular *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Aventuras do Dr. Bogóffoff*, se prestaria ainda a ser lida na perspectiva do romance social, categoria da qual também fariam parte Gastão Cruls, com o romance *Vertigem* (1934), e Graciliano Ramos, com *Vidas secas* (1938), o primeiro analisado em “Espelho da família burguesa”, o segundo, em “A propósito de *Vidas secas*”.

O último pouso do ensaio “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado” será no livro *Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos*, publicado em 1959, pela editora São José, do Rio de Janeiro, no contexto do cinquentenário da morte do escritor, comemorado no ano anterior, “data a partir da qual sua obra começa a ser reavaliada e sua biografia rediscutida” (MACHADO, 2005, p. 10), e que repercute na grande quantidade de artigos publicados na imprensa, no registro de mais de duzentos títulos (MACHADO, 2005, p.13-28).

Assim como em 1939 a *Revista do Brasil* comemorou o centenário de nascimento de Machado de Assis, em 1958, no cinquentenário da morte do grande escritor a *Revista do Livro* irá dedicar o número de setembro inteiramente à vida e à obra do autor de *Quincas Borba*, com artigos que abordam questões, entre outras, relativas ao estilo machadiano, como “De Machadinho a Brás Cubas”, de Augusto Meyer, e “O microrrealismo de Machado de Assis”, de Eugênio Gomes, à intertextualidade, “Machado de Assis e O Corvo de Edgar Poe”, de J. Mattoso Câmara, e “Machado de Assis e Charles Lamb”, de Raimundo Magalhães Júnior, à fortuna crítica e à cronologia da vida de Machado de Assis, como “O artista em sua narração – A fortuna crítica de Machado de Assis: 1912-1958” e “Cronologia de Machado de Assis”, de J. Galante de Sousa. Por sua vez, Brito Broca, em “Na década modernista: Machado de Assis *au-dessus de la mêlée*”, abordou o silenciamento em torno de Machado de Assis durante o Modernismo, enquanto Lúcia Miguel Pereira tratou da constituição da família brasileira, no contexto do século XIX, em “Relações de família na obra de Machado de Assis”. Astrojildo Pereira, em “Consciência nacional de Machado de Assis”, e Nelson Werneck Sodré, em “Posição de Machado de Assis”, grosso modo, se aproximam na abordagem da obra machadiana à luz das ideias político-sociais de sua época.

Na apresentação da *Revista do Brasil*, Alexandre Eulálio, redator responsável, volta a bater na tecla da equivocada avaliação de Machado de Assis como escritor que se manteve distante da realidade político-social de sua época, invocando para isso as pesquisas recentemente realizadas:

As pesquisas que se vêm fazendo nestes últimos anos têm mostrado [...], que ele não se ausentou, como muitos insistem em afirmar, da realidade brasileira. Não viveu no terreno das abstrações como um colecionador de sonhos de ópio. Ao contrário, viveu sempre em terra firme: os usos e costumes da época, as instituições políticas e sociais encontraram ressonância nos seus contos e romances, nos quais podemos distinguir

as linhas esquemáticas de um verdadeiro retrato do Brasil, no Segundo Reinado e nos primeiros tempos da República (1958, p. 5).

Como é possível perceber, ecos do ensaio de 1939 de Astrojildo Pereira ecoam na avaliação de Alexandre Eulálio em relação à obra de Machado de Assis enquanto “retrato do Segundo Reinado”, assim também a identificação do escritor como “romancista do Rio de Janeiro”:

Foi, por excelência, o romancista do Rio de Janeiro: as velhas ruas, as traquitanas, os velhos prédios, os saraus, os namoros, tudo que constituía a fisionomia da cidade, cheia de reminiscências coloniais, antes da remodelação do prefeito Pereira Passos, nós a encontramos em Machado de Assis (1958, p. 5).

Além da *Revista do Livro*, publicações da chamada grande imprensa, como a *Revista da Semana* (n.40, 4/10/1958), também dedicaram números especiais ao cinquentenário de morte de Machado de Assis. O mesmo aconteceu em relação à imprensa ligada ao PCB, representada pela revista *Estudos Sociais* (RJ, 1958-1964), dirigida por Astrojildo Pereira, na qual foram publicados, nos números 3 e 4, de 1958, os artigos, “Pensamento dialético e materialismo de Machado de Assis”, de Astrojildo, e “Duas palavras sobre o teatro machadiano”, de Antônio Bulhões.

Ainda quanto ao ano de 1958, cabe ainda mencionar a criação da Comissão Machado de Assis, voltada à elaboração de edições críticas da obra machadiana, assinadas por especialistas em Machado. Até então, a editora Jackson detinha o monopólio de publicação de Machado de Assis, lançando edições que primavam pelo desrespeito à obra machadiana, na introdução de correções, como aquelas praticadas por Ary Mesquita, com exceção do volume *Várias Histórias*, a cargo de Aurélio Buarque de Holanda. (MACHADO, 2008, p. 360).

Tal situação foi mantida até que a obra de Machado de Assis ser declarada domínio público, por meio de despacho de 15 de setembro de 1958, assinado pelo presidente Juscelino Kubitschek, episódio que contou com a participação de Autran Dourado, então secretário da imprensa do governo (CAMPOS, 2018, p.136-138). Quatro dias depois, era instituída a Comissão Machado de Assis, que na avaliação de José Pereira da Silva, “foi a primeira equipe brasileira de significativa importância que tratou teórica e praticamente a questão da edição crítica no Brasil e ainda é a base para o desenvolvimento da técnica da edição crítica de textos modernos com objetivos linguísticos, filológicos e literários” (Apud CAMPOS, 2018, p.138).

Em janeiro de 1960, Astrojildo Pereira, Raimundo Magalhães Júnior, Cavalcante Proença e Josué Montelo foram integrados como novos membros da Comissão, nas quatro vagas que ficaram abertas com o afastamento de Barreto Filho, Cyro Gomes, Eugênio Gomes e a morte de Lúcia Miguel Pereira, vítima de trágico desastre aéreo, no final de 1959 (*Correio da Manhã*, n. 20517, 13 fevereiro 1960, p. 9).

Ao lado da reedição das obras de Machado de Assis e da reunião de produções esparsas publicadas em jornais da época, reunidas em volume, o ano de 1959, como já foi mencionado, foi marcado igualmente pela publicação de inúmeros artigos e livros sobre Machado de Assis. Além da obra de Astrojildo Pereira, outros trabalhos vieram a público, no mesmo ano, pela editora São José, como *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*, de Afrânio Coutinho, *O tempo no romance machadiano*, de Dirce Cortes Riedel⁵ e *Machado de Assis*, de Agripino Grieco, este publicado pela José Olympio. Dentre esses quatro livros, o de Agripino Grieco foi o que recebeu maior atenção dos críticos brasileiros, sendo computados perto de 49 artigos publicados na imprensa, contra apenas 8 em relação ao de Astrojildo Pereira (MACHADO, 2005, p. 26-29).

⁵ O livro de Dirce Cortes Riedel, estudo pioneiro do tempo como categoria da escrita do romance machadiano, inscreve-se no contexto em que a obra de Machado de Assis começa ser investigada a partir de categorias internas da criação literária, e não apenas como expressão de contextos externos.

“Crítico de espírito polêmico e demolidor”, Agripino Grieco teria publicado o livro *Machado de Assis*, na interpretação de Hélio de Seixas Guimarães,

[...] com a intenção clara de intervir e criticar a canonização de Machado, a quem ele chamou de “deus das letras nacionais”, em torno do qual se reunia uma legião de fanáticos, chamados por ele de “machadóltras”. Conhecedor da obra machadiana em seu conjunto, dotado de enorme capacidade de criticar, emendar, retificar e pontificar sobre tudo o que todos os outros estudiosos de Machado haviam dito até então, Grieco provou muitos protestos acalorados na imprensa [...] Como sintetizou Carlos Maul, Grieco foi “o advogado do diabo que faltava a uma canonização”⁶, despertando com seu livro a animosidade dos “machadóltras”, que imediatamente o colocaram na posição de inimigo do escritor (2017, p. 157)⁷.

Como era de se esperar, não faltaram manifestações contrárias ao trabalho de Agripino entre os críticos brasileiros, a exemplo dos artigos de Afrânio Coutinho no *Diário de Notícias*, entre maio e junho de 1959, e a “Carta aberta a Agripino Grieco”, de Augusto Meyer, publicada em 23 de maio de 1959, n’*O Estado de São Paulo*, uma semana mais tarde, no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro e, por fim, reproduzida no segundo número da *Revista da Sociedade de Amigos de Machado de Assis*. (AZEVEDO, 2019, p. 1655-1663.)

De qualquer forma, a polêmica em torno do livro de Agripino Grieco não deixou de relegar à sombra o de Astrojildo Pereira, objeto de poucas resenhas, publicadas em jornais voltados ao grande público, algumas assinadas por iniciais, outras por nomes de peso no jornalismo, como Valdemar Cavalcanti, colunista diário de *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, e na crítica literária, como Afrânio Coutinho e Otto Maria Carpeaux. Essas avaliações foram marcadas ou por divergências quanto às interpretações de Astrojildo sobre Machado de Assis, em função da formação ideológica do crítico, projetadas na obra machadiana⁸, ou pelo acolhimento da análise de Machado a partir das premissas doutrinárias de Astrojildo Pereira, vistas quer pelo ângulo da exposição prudente e não categórica⁹, quer como contribuição válida à concepção formalista da arte¹⁰, quer como síntese dialética entre tradição e revolução¹¹.

Os críticos não deixaram de mencionar que os artigos coligidos em *Machado de Assis ensaios e apontamentos diversos*, que Astrojildo dedica a Carlos Ribeiro, editor da livraria-editora São José, e à Sociedade dos Amigos de Machado de Assis, fundada em 1958, já tinham sido publicados em jornais e revistas na década de 1950, com exceção de “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado” e do editorial de junho de 1939, na *Revista Proletária*. Ao assumir que, quase todos os textos coligidos no livro eram de “redação recente”, o crítico se penitencia, no prefácio, de possíveis “discrepâncias no tratamento de pontos iguais ou parecidos – sem falar de certas repetições inevitáveis”, ao mesmo tempo que deixa claro não haver de sua parte qualquer intenção de “formular juízos definitivos, ou de descobrir a pólvora”, mesmo porque: “Nem se admite nada de indiscutível,

⁶ Maul, “O advogado do diabo que faltava a uma canonização”, *O Dia*, 10 de maio de 1959.

⁷ Outro violento ataque a Machado de Assis partiu do militante marxista, Otávio Brandão, autor da obra *O nihilista Machado de Assis*, publicada pela Organizações Simões, em 1958.

⁸ A. L. “Contra ofensiva”, *Diário Carioca*, n. 9504, 7 jul. 1959, p. 2-3; A. P., “Machado de Assis”, *Diário Carioca*, n. 9516, 21 julho. 1959, p. 6.

⁹ Valdemar Cavalcanti, “Machado de Assis sob vários ângulos num bom livro de Astrojildo Pereira”, *O Jornal*, n. 11949, 13 agosto 1959, p. 15.

¹⁰ Afrânio Coutinho, “Machado de Assis brasileiro”, *Correntes Cruzadas*, *Diário de Notícias*, n. 11283, 5 julho de 1959, p. 3, Suplemento Literário.

¹¹ Otto Maria Carpeaux, “Tradição e revolução”, *Livros sobre a mesa*, *Correio da Manhã*, n. 20370, 22 agosto 1959, p. 8.

de acabado, de conclusivo, com ares de última palavra, em questão de natureza variável e controversa, quais são aquelas abordadas nestas páginas” (PEREIRA, 1991, p. 9).

O fato de Astrojildo Pereira mostrar-se avesso a quaisquer posicionamentos dogmáticos em relação à matéria literária, apontando a práxis dialética como objetivo que está em seu horizonte (MANDUCA, 2009, p. 104), vem ao encontro do clima de redefinições na política cultural do partido comunista, após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em fevereiro de 1956, quando Nikita Krushev denuncia os crimes cometidos pelo governo soviético sob a direção de Stalin (ARIAS, 2005, p. 56).

Com a “desestalinização” ocorrida a partir de 1956, “Astrojildo Pereira pôde redespertar seu pensamento crítico adormecido pelo recente sectarismo que norteava as ações do Partido Comunista do Brasil” (MANDUCA, 2009, p. 103), postura que irá ressoar na coletânea de ensaios de 1958. É ainda nesse contexto que é criada a revista *Estudos Sociais*¹², onde Astrojildo, então reintegrado ao PCB, desde 1945, publica, conforme já observado, “Pensamento dialético e materialista”, trazido para *Machado de Assis - ensaios e apontamentos avulsos*.

Enquanto em “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado”, Astrojildo Pereira estava empenhado em interpretar a obra machadiana, segundo a “consonância íntima e profunda entre o labor literário de Machado de Assis e o sentido da evolução política e social do Brasil” (1991, p. 14), em “Pensamento dialético e materialista” a proposta é abordá-la segundo elementos materialistas e dialéticos, ainda que Machado não conhecesse Marx e Engels:

Não foi Machado de Assis – nem podia ser, nas condições brasileiras do tempo – o que se chama hoje um materialista consequente, e muito menos um materialista dialético, de filiação ou parentesco marxista. Há boas razões para supor que não conhecia Marx e Engels, nem sequer de simples leitura. Mas o fio essencial de seu pensamento é materialista, e seu processo de pensar e de exprimir-se é um processo dialético. O estudo e a experiência o levaram a uma concepção materialista da vida, se bem que nem sempre coerente e consequente em sua expressão; já o processo dialético era nele coisa a bem dizer do berço, instintiva, congênita (PEREIRA, 1991, p. 135).

É possível entender que, ao identificar Machado de Assis como “um dialético do tipo espontâneo” (PEREIRA, 1991, p. 140), Astrojildo procurasse contornar a questão do desconhecimento das ideias de Marx e Engels no Brasil da época. Por sua vez, ao reconhecer que a obra machadiana é movida pela contradição, essa concepção de dialética tem maior proximidade com o pensamento dos materialistas e dialéticos gregos, entre os quais Heráclito de Éfeso, mencionado no artigo de Astrojildo, do que a dialética marxista, visto que esta, mais do que interpretar a realidade como contraditória, tem o compromisso de transformá-la na prática (MANDUCA, 2009, p. 109).

A perspectiva antidogmática, reflexo do momento de redefinições pelo qual passou o movimento comunista no Brasil, após 1956, perpassa também o artigo “Crítica política e social”, no qual Astrojildo Pereira volta ao tema do absentismo machadiano, e em defesa do autor de *Dom Casmurro* o crítico vai dizer que a forma de Machado de Assis praticar a política foi como escritor. Muito embora a política tenha sido assunto em relação ao qual Machado se manteve sempre atento, com reflexos em sua obra, como comprovam as pesquisas de Brito Broca¹³ e Raimundo Magalhães

¹² “A revista *Estudos Sociais* foi resultado da abertura política do PCB, da sua proposta de diálogo com os mais amplos setores identificados com as forças progressistas do país, ou seja, comprometidas com a luta pela emancipação nacional, fundamentalmente antiimperialista” (ARIAS, 2005, p. 56-57).

¹³ Brito Broca. *Machado de Assis e a política e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1957.

Júnior¹⁴, mencionadas por Astrojildo no artigo em pauta, por outro lado, o escritor carioca manteve-se afastado do exercício partidário ou governamental da atividade política, o que não quer dizer “desprezo pela coisa política ou pelos negócios públicos.” (PEREIRA, 1991, p. 83). Por compreender que o papel de Machado de Assis como escritor e intelectual vai além de sua vinculação a um partido, Astrojildo critica a visão de “participação política”, subordinada tão-somente à atividade partidária: “Confinar o conceito de ‘participação política’ ao só exercício de mandatos eletivos, à atividade partidária ou só à tarefa de propaganda e agitação, seria estreitar o seu alcance, reduzir a sua importância, amesquinhar a sua finalidade” (PEREIRA, 1991, p. 83).

Paralelamente à revisão crítica dos postulados marxistas, e de acordo com a nova orientação do PCB, “era necessário voltar os olhos para a realidade nacional, muitas vezes ignorada em nome da fidelidade ao marxismo-leninismo assimilado através de Stálin e de outros escritores reconhecidos pelo partido” (ARIAS, 2005, p. 52). Nesse sentido, Astrojildo Pereira escreve o artigo “Instinto e consciência de nacionalidade”, publicado com o título “Consciência nacional de Machado de Assis”, na *Revista do Livro*, em setembro de 1958, no qual interpreta o famoso ensaio de Machado de Assis, “Instinto de nacionalidade”¹⁵, à luz da proposição marxista – “a infraestrutura determina a superestrutura” -, ou seja, as mudanças na situação econômica do Brasil, a partir da abolição do tráfico negreiro, em 1850, serão responsáveis pelo movimento de renovação cultural, que marcou as décadas de 1870 e 1880, no qual se insere a obra machadiana. O espírito crítico e autocrítico¹⁶, então desencadeado no Brasil, cujo objetivo, no campo literário, era “pensar a literatura do ponto de vista nacional (Apud PEREIRA, 1991, p. 49), encontrou a sua plenitude em Machado de Assis, cuja obra se tornou “a mais lídima expressão desse processo de passagem do puro sentimento “instintivo” ao estágio superior da compreensão ‘consciente’” (PEREIRA, 1991, p. 71) Por entender a relação entre local e universal em perspectiva dialética, Astrojildo endossa a posição de Machado ao se mostrar contrário à opinião daqueles que só reconheciam espírito nacional nas obras que tratavam de assunto local, cabendo evocar a célebre passagem do ensaio “Instinto de nacionalidade”:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 2013, p. 432-433).

Se em função da conjuntura histórica Machado de Assis compreendia a independência do pensamento nacional ainda como “instinto”, Astrojildo Pereira, em sintonia com o movimento de renovação no interior do PCB, interpreta a manifestação germinal da nacionalidade, representada pela geração de 1870, na perspectiva de mudanças futuras:

[...] a geração que surge para as letras já traz em si o germe da consciência, que nasce do instinto, vive ainda nas entranhas do instinto, mas começa a diferenciar-se e a

¹⁴ Raimundo Magalhães Júnior. *Machado de Assis desconhecido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955; *Machado de Assis, funcionário público* (No Império e na República). Rio de Janeiro: Ministério da Viação e Obras Públicas, Serviço de Documentação, 1958.

¹⁵ O ensaio “Instinto de nacionalidade. Notícia da atual literatura brasileira” foi originalmente publicado em março de 1873 na revista *O Novo Mundo – Periódico Ilustrado do Progresso* (1870-1879), editada em Nova Iorque, por José Carlos Rodrigues (1844-1923), com circulação no Brasil.

¹⁶ “O processo de autocrítica e revisão do marxismo, que se iniciou em 1956, após a divulgação do Relatório Krushev no XX Congresso do PCUS, culminou na nova linha política de 1958, na qual Astrojildo Pereira teve participação ativa, através da revista *Estudos Sociais*” (OLIVEIRA, 1998, p. 52).

desenvolver-se com impulso irresistível, em busca da plenitude da vida e da ação (PEREIRA, 1991, p. 57).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duas trajetórias se cruzaram ao longo dos vinte anos de circulação do ensaio de Astrojildo Pereira, “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado”, entre 1939 a 1959: a da crítica brasileira, que à luz da ideologia do nacionalismo, interpretou a obra machadiana, em diferentes contextos políticos e culturais, como expressão do alheamento do escritor em relação aos temas mais candentes de seu tempo; a de Astrojildo que, desde a célebre visita a Machado de Assis, em 1908, quando o escritor se encontrava às portas da morte, manteve-se ao longo da vida fiel leitor do autor de Quincas Borba, investigando sua obra como expressão do meio e produto das condições sócio-econômicas do Brasil durante o Segundo Reinado, perspectiva por meio da qual procurou livrar Machado da pecha de absenteísta.

Por outro lado, da mesma forma que, a partir do final da década de 1950, a obra machadiana passa a ser objeto de novas abordagens, que respondem por uma visão estética e não conteudística da literatura, Astrojildo Pereira, readmitido nos quadros do PCB, que vivia um momento de revisão e autocrítica, reitera a teoria marxista como base de interpretação de Machado de Assis, incorporando a perspectiva dialética como forma de apreender o sentido de nacionalidade na obra machadiana.

Em que pese os possíveis limites da crítica de Astrojildo Pereira na aplicação do materialismo dialético como chave de leitura dos romances e contos de Machado de Assis, como já foi apontado pela crítica¹⁷, importa destacar o protagonismo do autor de “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado” ao abrir caminho para uma determinada crítica de tendência sociológica e histórica, representada pelos nomes mais expressivos da intelectualidade brasileira.

¹⁷ Leandro Konder. *Intelectuais brasileiros e marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

REFERENCIAS

- A. L. “Contra ofensiva”, *Diário Carioca*, n. 9504, 7 jul. 1959, p. 2-3.
- A. P., “Machado de Assis”, *Diário Carioca*, n. 9516, 21 julho. 1959, p. 6.
- ARIAS, Santiane. Astrojildo Pereira e a revista *Estudos Sociais, Novos Rumos*, ano 20, n. 44, 2005, p. 51-59.
- ASSIS, Machado de. Crítica literária e textos diversos. Organização Silvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Callipo. São Paulo: Editora UNESP, 2013.
- AZEVEDO, Sílvia Maria. Machado de Assis entre a consagração e a polêmica. Anais do XV Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), 2019, p. 1655-1663.
- BARBOSA, Francisco de Assis. “Onde está a ‘gestapo’?”, *Correio da Manhã*, RJ, n. 15223, 18 de junho de 1944, p. 33.
- _____. “Vida literária”, *Correio da Manhã*, RJ, n. 15400, 14 de janeiro de 1945, p. 40.
- BORBA, Osório. “Apontamentos”, *Diário de Notícias*, n. 6041, 5 de julho de 1942, p. 17.
- CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edições de Machado de Assis: por quê? para quê? *Machadiana Eletrônica*, v.1, n. 1, jan.-jun. 2018, p. 131-150.
- CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2011, p. 15-34.
- CARPEAUX, Otto Maria. Tradição e revolução. Livros sobre a mesa, *Correio da Manhã*, n. 20370, 22 de agosto de 1959, p. 8.
- CAVALCANTI, Valdemar. Machado de Assis sob vários ângulos num bom livro de Astrojildo Pereira, *O Jornal*, n. 11949, 13 de agosto de 1959, p. 15.
- COUTINHO, Afrânio. Machado de Assis brasileiro. Correntes Cruzadas, *Diário de Notícias*, n. 11283, 5 de julho de 1959, p. 3. Suplemento Literário.
- DEL ROIO, Marcos. A trajetória de Astrojildo Pereira (1890-1965), fundador do PCB, *Novos Rumos*, v, 52, n. 1, 2015, p. 3-14.
- EULÁLIO, Alexandre. Apresentação. *Revista do Livro*. Edição comemorativa do cinquentenário da morte de Machado de Assis, ano III, n. 11, setembro e 1958, p. 5-6.
- FEIJÓ, Martin Cezar. *O revolucionário cordial*. Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural. Rio de Janeiro: Boitempo/Fapesp, 2001.
- FERREIRA, Gabriela Manduca. *A crítica machadiana durante o Estado Novo*. Dissertação (Mestrado), USP, 2011.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, escritor que nos lê*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.
- HOLLANDA, Aurélio Buarque de (coord.). *O romance brasileiro (de 1752 a 1930)*. Coord., notas e revisão por Aurélio Buarque de Holanda; introdução por Otávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1952.
- LUCA, Tania Regina de. O inquérito da *Revista do Brasil* (1940) sobre os rumos da literatura brasileira. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 9, n. 2, jul.- dez. 2016, p. 64-84.
- MACHADO, Ubiratan. *Bibliografia de Machado de Assis, 1859-2003*. São Paulo: Edusp, 2005.
- MANDUCA, Gabriela. “Questão de meio e de tempo”: a dialética na crítica machadiana de Astrojildo Pereira, *Machado de Assis em linha*, ano 2, nº. 3, junho 2009, p. 101-113.
- OLIVEIRA, Ilka Maria de. *A literatura na revolução*. Contribuições de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50. Dissertação, Unicamp, 1998.
- PEREIRA, Astrojildo. *Interpretações*. Rio de Janeiro: CEB, 1944.
- _____. *Machado de Assis*. Ensaios e apontamentos avulsos. 2ª. edição. Apresentação José Paulo Neto. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.
- SALLA, Thiago Mio. O Estado Novo e as críticas a Machado de Assis na primeira metade dos anos 1940. *Machado de Assis em linha*, v. 5, n. 10, dez. 2012, p. 83-101.

SOUSA, Otávio Tarquínio. Apresentação. *Revista do Brasil*. Centenário de Machado de Assis, ano II, n. 12, junho de 1939, p. 1-2.

_____. O que é este número. *Revista do Brasil*, ano III, n. 35, maio de 1941, p. 1-2.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.